

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL



HISTÓRIA ORAL E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

PARTILHAR MEMÓRIAS



JEP 2018

INTRODUÇÃO:



As memórias de quem trabalhou e viveu em comunidades criadas ou transformadas pela industrialização são uma das principais fontes de conhecimento para a Arqueologia Industrial e uma dimensão essencial do Património Industrial.

Este Património, gerado no advento da Revolução Industrial que se inicia no século XVIII, é feito de vozes diversas, e cada uma conta a sua história, e uma parte da História. Memórias são património, são sabedoria e conhecimento, são fonte de inspiração. São únicas mas também colectivas, são honestas mas também frágeis e susceptíveis de ficarem enubladas. A sua maior fragilidade é estarem presas dentro de nós, desaparecendo, quando também nós deixamos de viver.

Registar as memórias de quem viveu e trabalhou na sociedade industrial, enquanto elas ainda estão presentes, é fundamental e uma das tarefas urgentes em arqueologia e património industrial.

No âmbito do tema deste ano das Jornadas Europeias do Património (JEP), que nos desafia a "Partilhar Memórias", a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial endereça com esta publicação a importância de se criarem momentos de partilha de memórias do nosso passado industrial. E que estas sejam acolhidas no âmbito do registo, da preservação e do conhecimento do nosso passado industrial.

PARTILHAR MEMÓRIAS

Com a desindustrialização, não só fábricas fecharam as suas portas, mas também casas, lojas, escolas, campos de jogos, postos médicos, e tantas outras infraestruturas da sociedade industrial.

É da vivência em todos esses espaços que se faz a História que com esta publicação queremos ajudar a preservar. Para isso desafiamo-lo a entrevistar familiares, vizinhos, ou pessoas anónimas que de algum modo ainda guardam memórias da sua experiência nesses lugares, de quando ainda não se tinha afirmado a nova sociedade de finais do século XX.

O desaparecimento vertiginoso deste nosso património, tanto das suas dimensões físicas e materiais - objectos, arquivos, edifícios, estruturas ou paisagens- quanto do seu lado imaterial - dos saberes, práticas e experiências pessoais e colectivas - torna ainda mais urgente esta acção.

O objectivo é ajudarmos a transmitir os passos mais imediatos de uma acção de registo e preservação das memórias que nos rodeiam, invisíveis, encapsuladas dentro de cada um de nós.

Assim, reunimos uma série de ideias-chave no registo da História Oral, para ajudar a que todos possam participar no grande objectivo, urgente, de recolher e partilhar as memórias do nosso passado industrial, em casa, no bairro, no trabalho, ou onde quer que sobrevivam ainda estas memórias.





**"REGISTAR AS
MEMÓRIAS DE QUEM
VIVEU E TRABALHOU
NA SOCIEDADE
INDUSTRIAL,
ENQUANTO ELAS
AINDA ESTÃO
PRESENTES, É UMA
DAS TAREFAS
URGENTES EM
ARQUEOLOGIA E
PATRIMÓNIO
INDUSTRIAL"**

A VIDA NA FÁBRICA, E FORA DELA - REGISTRAR AS MEMÓRIAS DA SOCIEDADE INDUSTRIAL



Em preparação para a realização da entrevista de partilha de memórias (ou recolha de história oral) primeiro há que escolher alguém para entrevistar - alguém cuja vida tenha histórias que queira conhecer e sobre a qual tenha curiosidade.

Depois escolha perguntas com significado que o levem a iniciar e desenvolver uma conversa sobre o tema escolhido.

Prepare um local calmo onde se possam sentar juntos a conversar durante cerca de uma hora, sem ruídos e interrupções.

Depois, ligue o gravador, oiça com atenção, e deixe a partilha de memórias acontecer.

A ENTREVISTA

Uma entrevista não deve ultrapassar os 50 a 60 minutos de duração. O tempo foge portanto escolha apenas algumas perguntas essenciais.

Há que dar tempo a que o entrevistado responda à pergunta, e podem surgir novas perguntas de acompanhamento de um tema que surja.

Assegure-se que o aparelho de registo, seja o gravador seja o telemóvel, têm bateria suficiente e espaço de memória. Os ficheiros áudio são geralmente de grandes dimensões.

Defina um momento em que ambos, entrevistador e entrevistado, vão estar descansados (sem compromissos imediatos) e não serão interrompidos.

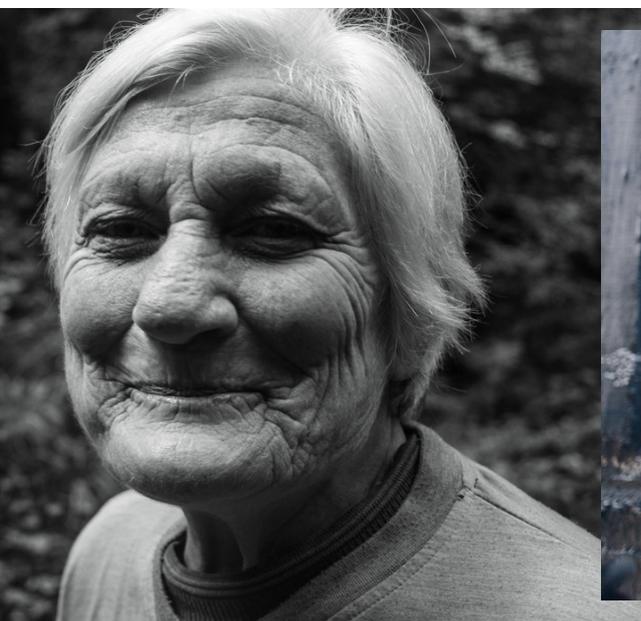
Escolha um lugar adequado para a entrevista. Quartos pequenos, com carpetes, móveis e superfícies macias que absorvem o som, funcionam melhor. Evite áreas muito grandes, com muitas janelas e com aparelhos a funcionar (ruído de ar condicionado ou outros electrodomésticos). Evite ainda as áreas com muitas pessoas ou muito ruído, porque isso vai diminuir a qualidade da gravação.

Prepare o seu entrevistado antes da entrevista dizendo-lhe sobre o que quer conversar e que perguntas planeia fazer. Isto é uma oportunidade para que este possa pensar nos temas e refrescar a memória sobre eventos passados, caso necessário. Isto também ajudará a fazer com que a entrevista flua mais facilmente.

Organize as perguntas de modo a que as mais importantes (as que quer mesmo ver respondidas) estejam primeiro.

Depois de fazer uma pergunta, oiça atentamente e não hesite em pedir mais informação e detalhes sobre o tema. Recorde que esta é uma conversa, e quanto mais presente e interessado estiver, mais interessante será a experiência. E seja compreensivo caso surjam falhas de memória ou momentos emotivos.

No final, não esqueça agradecer, e dizer o quão importante foi ter essa conversa, a partilha do seu tempo e da sua experiência. E tire uma fotografia desse momento e do entrevistado!



GUIÃO & PERGUNTAS

As melhores conversas são as que se desenrolam guiadas pela curiosidade natural. Aquilo que te parecer mais interessante de perguntar provavelmente vai causar a mesma reacção aos outros que a oiçam. No entanto há que manter o rumo da entrevista, com o apoio do guião, mantendo a flexibilidade para seguir rumos de conversa que surjam espontaneamente.

"AS PERGUNTAS DEVEM SER ABERTAS, PARA QUE A HISTÓRIA SE POSSA DESENROLAR"



ESCOLHER UM TEMA

No âmbito da investigação e valorização em património industrial há toda uma sociedade para conhecer e registar. Pode entrar para temas mais pessoais, relacionados com a experiência pessoal do entrevistado, ou ser uma entrevista de grupo com várias visões de um momento na história.

Pode querer fazer uma entrevista sobre uma só faceta da vida de uma comunidade, do trabalho na fábrica, das actividades sociais e desportivas associadas, ou deixar o entrevistado relatar um dia da sua vida durante esse período, abarcando uma diversidade de locais e temas, ou ainda que conte como viveu a transição da desindustrialização.

Para uma recolha de história oral, a entrevista deve ser composta de perguntas abertas, ou seja, perguntas cuja resposta permita o desenvolvimento da resposta. Perguntas que possam ser respondidas com um simples 'sim' ou 'não', são portanto de evitar.

Estas perguntas de desenvolvimento geralmente começam com expressões como "Fale-me de", "Conte-me", "Como era...?".

Cada vez mais se reconhece a necessidade de recorrer à entrevista para reconstruir práticas de uso e manutenção de máquinas e ferramentas utilizadas neste período.

Para além da entrevista nos espaços agora desactivados, devem ainda incentivar-se campanhas de recolha oral e registo de práticas e saberes, em indústrias ainda vivas e operacionais.

A entrevista pode ainda ser acompanhada de uma identificação e recolha de elementos associados a essa memória. O entrevistado pode trazer fotos, documentos, e objectos vários que remetem para a história que está a contar. Sempre que possível há que aconselhar estratégias que permitam o registo e salvaguarda futura desses bens.



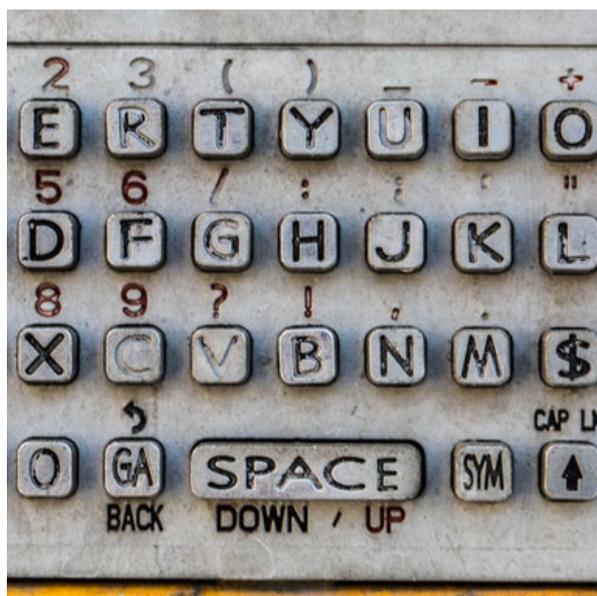
FERRAMENTAS

Para a realização da entrevista deve ser assegurado, no mínimo, o registo áudio (gravação) da conversa. Isto pode ser realizado por um gravador, preferencialmente digital, incluindo os disponíveis em muitos smartphones actuais.

A recolha de notas em papel, embora possível, e até necessária numa fase de preparação do projecto de história oral, limita em muito a preservação do carácter pessoal do testemunho e a preservação dessa voz única para o futuro.

Para o registo áudio-visual, com recolha de informação vídeo, embora resulte num documento mais completo exige maior disponibilidade de recursos e pode ser intimidante para o entrevistado.

GUARDAR E PARTILHAR



Numa época de ficheiros digitais é cada vez mais fácil armazenar e partilhar esta informação em várias plataformas. Mas também é fácil perdê-las.

É portanto importante fazer rapidamente uma cópia de segurança da entrevista e partilhá-la o mais possível.

Faça alguma edição da entrevista caso a vá disponibilizar ou coloque-a tal como está numa plataforma online. Pode transcrevê-la por inteiro para um documento escrito, algo que demora algum tempo mas facilita a disponibilização da informação. Pode ainda optar por fazer uma análise por temas, identificando os principais temas tratados - vida familiar, greves, educação, tecnologia, podem ser alguns dos temas que surgem, disponibilizando assim um resumo da entrevista com indicação do momento em que cada tema surge na gravação (por exemplo: ao minuto 02:34 - tema: 1º dia de trabalho na fábrica).

É essencial que o entrevistado aceite que a informação que partilhou seja divulgada. Há que deixar isso bem claro antes de iniciar a entrevista, e mostrar-lhe depois como a sua história está a ser partilhada.



OUTRAS LEITURAS

**"PARTILHAR MEMÓRIAS,
PARTILHAR SABERES
PARTILHAR HISTÓRIAS"**



Costa, Paulo F. da. 2009. Kit de Recolha de Património Imaterial. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.

ICOMOS e TICCIH. 2011. Joint ICOMOS – TICCIH Principles for the Conservation of Industrial Heritage Sites, Structures, Areas and Landscapes. Dublin: ICOMOS e TICCIH

Lane, J. .1993. "Oral History and Industrial Heritage Museums". The Journal of American History, 80(2), 607-618.

Meihy, José Carlos Sebe B., e Fabíola Holanda. 2007. História Oral: Como Fazer, Como Pensar. São Paulo: Editora Contexto.

Orange, Hillary (ed). 2016. Reanimating Industrial Spaces: Conducting Memory Work in Post-industrial Societies. Routledge

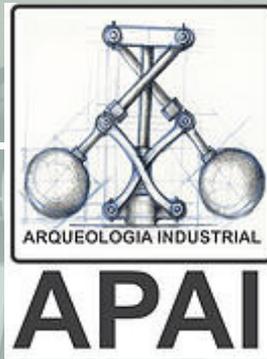
Riley, Mark and David Harvey. 2005. "Landscape Archaeology, Heritage and the Community in Devon: An Oral History Approach", International Journal of Heritage Studies, 11:4, 269-288.

Rosário, Daniela R. 2014. «Entroncamento de histórias: Registo de testemunhos orais », MIDAS [Online], 3 | 2014.

Tavares, Célia e Roberto Leite, 2014. « O projeto Picar o Ponto: Memórias orais de operários da Fábrica Robinson », MIDAS [Online], 3 | 2014.

TICCIH. 2003. The Nizhny Tagil Charter For The Industrial Heritage. Nizhny Tagil: TICCIH

Victor, Isabel. 2010. The Centre of Memories: work in progress. Case of the Michel Giacometti Labour Museum, Setúbal, Portugal. Cadernos de Sociomuseologia 38:199-216.



PREPARADO POR:
LEONOR MEDEIROS

TEM PERGUNTAS?

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

RUA TENENTE ESPANCA, 40 A
1050-224 LISBOA | PORTUGAL

E-MAIL:
APAI.SECRETARIADO@GMAIL.COM

WEB:
[HTTP://APAIASSOCIACAO.WIXSITE.COM/
APAI](http://apaiassociacao.wixsite.com/apai)

**ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL**